

**Desde a aurora  
eu te procuro**



Amedeo Cencini

# Desde a aurora eu te procuro

Sensibilidade e discernimento



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

Cencini, Amedeo

Desde a aurora eu te procuro : sensibilidade e discernimento / Amedeo Cencini ; tradução de Paulo F. Valério. -- São Paulo : Paulinas, 2024.  
256 p. (Tendas)

ISBN 978-65-5808-249-1

1. Vida religiosa 2. Discernimento 3. Sensibilidade I. Título II. Valério, Paulo F. III. Série

23-4967

CDD 248.4

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Vida religiosa

Título original da obra: *Dall'aurora io ti cerco: Evangelizzare la sensibilità per imparare a discernere*

1ª edição – 2024

Direção-geral: *Ágda França*

Editora responsável: *Fabiola Medeiros de Araújo*

Tradução: *Paulo F. Valério*

Copidesque: *Ana Cecilia Mari*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegato Neto*

Capa e diagramação: *Elaine Alves*

Imagem da capa *@Pok\_Rie/pixabay.com*

---

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

---



Cadastre-se e receba nossas informações  
[www.paulinas.com.br](http://www.paulinas.com.br)  
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

**Paulinas**

Rua Dona Inácia Uchoa, 62  
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)  
☎ (11) 2125-3500  
✉ [editora@paulinas.com.br](mailto:editora@paulinas.com.br)

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2024

O discurso sobre a sensibilidade humana  
e sobre o discernimento remete ao rosto do Eterno,  
àquele que ninguém viu,  
mas que se revela no ser humano,  
criado à sua imagem e semelhança.  
E, portanto, com uma sensibilidade semelhante à sua,  
que deve ser reconduzida  
à própria verdade originária,  
livre para discernir  
o que é verdadeiro, belo e bom.  
Grande mistério!









# SUMÁRIO

Prefácio .....	11
Introdução .....	21
Dupla desatenção.....	21
I — Sensibilidade: energia e fonte de energia .....	29
1. Várias interpretações .....	29
2. Definição .....	33
3. O Espírito Santo, sensibilidade de Deus .....	58
II — <i>Accende lumen sensibus</i> : as margens do coração.....	61
1. Os sentidos e sua função.....	61
2. Da bulimia à atrofia.....	66
3. Do uso ao abuso dos sentidos.....	69
4. Responsáveis por nossos sentidos.....	72
III — “O odor das ovelhas”: dos sentidos às sensações.....	75
1. O corpo é “sábio” (e diz a verdade).....	77
2. Sensação não significa ação.....	82
3. A sensação não é suficiente, mas, em todo caso, merece atenção .....	83
4. Educar as sensações.....	86
5. Persistência das sensações .....	92
6. Sensações e inconsistência.....	94
IV — Emoções, as cores da vida .....	97
1. O homem de cera (ou de gelo) .....	97
2. Mozart e aquele maldito vidro.....	98
3. Natureza mista e ambivalente .....	102
4. Formação das emoções.....	108

5. Francisco e o verdadeiro abraço.....	115
6. João e o abraço forçado.....	117
V — Sentimentos, o calor da vida.....	121
1. Emoção traduzida em ação.....	121
2. Muitas emoções, poucos sentimentos.....	125
3. Gestão dos sentimentos (a partir das emoções).....	127
4. Formação dos sentimentos.....	139
VI — Afetos, as paixões da vida.....	147
1. O conceito.....	148
2. Origem e dinâmica.....	154
VII — Consolação e desolação, variedade e verdade dos afetos.....	169
1. Consolação.....	170
2. Desolação.....	185
VIII — Discernir e decidir, risco e fatalidade.....	197
1. Da sensibilidade ao discernimento (e vice-versa).....	199
2. Sensibilidade e fases do processo decisório.....	201
IX — Adulto na fé. Discernimento e escolha crente.....	221
1. O buscador.....	221
2. Buscar a Deus.....	228
3. Liberdade de consciência: ponto de partida ou de chegada?.....	239
Conclusão.....	251
Do odor das ovelhas ao perfume de Cristo.....	251
Obras do autor publicadas por Paulinas Editora.....	253

## PREFÁCIO

Os escritos de Padre Amedeo Cencini são mais ou menos como o vinho das núpcias de Caná, a respeito do qual o encarregado da festa do relato evangélico disse ao esposo: “Tu guardaste o vinho bom até agora”. Quando se leem seus livros, amiúde se encontram assuntos tratados por ele próprio alhures; no entanto, as páginas onde são reformulados têm sempre um sabor não apenas agradável, mas inclusive novo. O mesmo vale, pelo menos em parte, para os assuntos desenvolvidos neste livro, em que os dois temas fundamentais tratados certamente estão presentes em outras de suas obras. Desse modo, quanto ao tema da “sensibilidade”, anunciado no subtítulo: sem retroceder muito no tempo, já em 2012 Cencini nos deu um amplo trabalho com a propositada questão provocadora: *perdem os sentidos?* Questionamento certamente mais benévolo relativamente àquele muito categórico, escolhido por Ivan Illich, em seu tempo, para uma coletânea de seus ensaios precedentes: *La perte des sens* (a perda dos sentidos era, para Illich, a gestão empreendedorial da comunicação que entorpece os sentidos e obstruiu os horizontes). Dir-se-á o mesmo quanto ao tema do “discernimento”: recorro a todos a publicação a respeito do discernimento vocacional intitulada *A história pessoal, morada do mistério*.

Qual é, portanto, a razão desse retorno a questões já amplamente e muito bem aprofundadas? O próprio Cencini nos indica duas razões: uma – escreve-a imediatamente –, de caráter, diria, negativo, seria a constatação da “marginalização substancial, em nossos programas formativos, de duas realidades muitíssimo significativas, seja no nível psicoantropológico, seja no nível espiritual-teológico”, isto é, *a sensibilidade e o discernimento*; a segunda razão, desta feita positiva, diz respeito à íntima conexão entre os dois temas.

Em verdade, ele próprio já havia indicado o primeiro em outras ocasiões. Veja-se, para isso, a valiosa intervenção durante o Congresso para o Clero, por ocasião do 50º aniversário dos decretos conciliares *Optatam Totius* e *Presbyterorum Ordinis*. Naquela circunstância, o Padre Amedeo colocou imediatamente em evidência a *sensação*, pelo menos, “de uma formação de algum modo incompleta e inacabada, que não chega ao coração (no sentido bíblico e também psicológico), somente exterior e comportamental, ou muito espiritual e intelectual, que nem sempre consegue tocar-lhe e converter-lhe a sensibilidade, ou que, em todo caso, faz com que algo importante da humanidade do candidato não seja minimamente tocado ou alcançado pelo processo formativo”. Agora, inclusive neste livro, Cencini registra com agudeza crítica: “Basta consultar as nossas *Ratio Institutionis Sacerdotalis* (quase toda diocese ou seminário, ou instituto religioso tem uma), inclusive aquela – valiosa – recentemente publicada pelo Dicastério vaticano, de modo geral tão bem elaboradas e atentas à proposta de uma formação o mais integral possível, e veremos que não se encontra vestígio desse aspecto da realidade

humana. Como se fôssemos pouco... sensíveis à formação da sensibilidade!”.

Na percepção desse fato, Cencini parece estar verdadeiramente em boa companhia. Refiro-me ao Papa Francisco, de quem, com a transcrição em *L'Osservatore Romano*, de 16 de junho de 2018, foi tornado público o que havia transmitido aos quase dois mil sacerdotes e seminaristas estudantes nos colégios eclesiais romanos, durante o encontro que teve com eles no dia 16 de março precedente. A linguagem do Papa é coloquial, até mesmo íntima. A um seminarista que lhe havia pedido conselhos “para bem discernir... ao longo de todo o percurso da vida”, Francisco evoca a obra do Espírito Santo, que favorece e ajuda o discernimento, e observa: “Muitos, muitos padres, muitos padres, digo-o com espírito bom, com ternura e com amor: muitos padres vivem bem, na graça de Deus, mas como se o Espírito não existisse. Sim, sabem que há um Espírito Santo, mas este não entra na sua vida. E esta é a importância do discernir: compreender o que o Espírito faz em mim, e também o que faz o espírito inimigo, e o que faz o meu espírito”. Ora, à parte a questão da “moção dos espíritos”, de que Santo Inácio trata (cf. EE 313) e que é lembrada também no capítulo VII deste livro, o que importa aqui é a observação do Papa: sabem que existe um Espírito Santo, mas este não entra na sua vida! Em resumo, trata-se da mesma questão colocada por Padre Cencini.

A outra razão pela qual Cencini retorna a temas desenvolvidos precedentemente é a vontade de “buscar compreender e aprofundar o significado da relação entre

sensibilidade e discernimento”, e isso “principalmente por aquilo que poderia e deveria significar o vínculo que os relaciona”. Parece-me que justamente o fato de ter feito emergir essa correlação e de tê-la colocado em evidência constitui um dos maiores méritos do livro que o leitor agora tem em mãos. Quanto à formação sacerdotal (mas vale também, obviamente, para a vida consagrada), no número 43 da *Ratio Fundamentalis*, publicada em 2016 pela Congregação para o Clero, lê-se que o primeiro âmbito do discernimento é “a própria vida pessoal e consiste em integrar a própria história e a própria realidade na vida espiritual, de modo que a vocação ao sacerdócio não fique aprisionada na abstração ideal nem corra o risco de reduzir-se a uma simples atividade prático-organizativa, externa à consciência da pessoa...”. Portanto, para compreender o que se entende por “a própria história”, poderia ser útil uma bela passagem do número 113 do recente *Instrumentum Laboris* elaborado para a próxima XV Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos, convocada sob o tema: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”. Retomando uma passagem da Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, 51, que coloca tudo sob o verbo reconhecer, escreve-se: “Reconhecer significa ‘dar nome’ à grande quantidade de emoções, desejos e sentimentos que cada um tem. Desempenham um papel fundamental e não devem estar ocultos ou adormecidos. O Papa lembrou isso: ‘É importante abrir tudo, não disfarçar os sentimentos, não camuflar os sentimentos... Um caminho de discernimento vocacional requer, portanto, atenção ao que surge nas diferentes experiências (família, estudo, trabalho, amizades e relacionamentos de casais, voluntariado e outros

compromissos etc.) que a pessoa faz, hoje cada vez mais ao longo de itinerários não lineares e progressivos, com os sucessos e fracassos que inevitavelmente ocorrem: onde um jovem se sente em casa? Onde sente um ‘sabor’ mais forte? Isso, porém, não é suficiente, pois as experiências de vida são ambíguas e podem ser interpretadas de modo diferente: qual é a origem desse desejo? Está realmente conduzindo à ‘alegria do amor’? Com base nesse trabalho de interpretação, torna-se possível fazer uma escolha que não seja apenas o resultado das inclinações ou pressões sociais, mas um exercício de liberdade e de responsabilidade”.

Eis, portanto, um ponto nevrálgico no processo do discernimento espiritual de que se fala neste livro, cujo título é tirado de um versículo do Salmo 62(63): “Desde a aurora te procuro”. A propósito desse Salmo, Padre L. Alonso Schökel escreveu que possui uma densidade corpórea. Todos os verbos recorrentes naquela lírica profissão de confiança, de fato, estão ligados ao corpo em suas funções elementares e em seus sentidos: “Levantar-se à aurora, ter sede e ansiar, saciar-se, estar à sombra de, estar na cama, contemplar, falar com a boca, erguer as mãos, agarrar-se a alguém, sentir o contato de uma mão... Os sentidos funcionam em senso próprio, mesmo se transcendem o puramente sensível, e funcional como símbolos de experiências espirituais”. Nestas páginas, Cencini sublinha a alegria “de encontrar à aurora, dentro de si, o desejo de ver o rosto de Deus, típico de quem esperou pela aurora ‘como os vigias ao amanhecer’ (cf. Sl 129,6), para estar com seu Senhor, saboreando sua Palavra e colhendo-lhe a beleza”, negada a quem abusou de seus sentidos.

Sensibilidade e discernimento são, portanto, os dois polos de toda a reflexão. Talvez fosse melhor dizer reciprocidade entre sensibilidade e discernimento. “Decidimos, de fato, com base naquilo que a mente, o coração e a vontade nos fazem perceber como desejável e bom, de modo consciente ou inconsciente”, escreve Cencini e, por outro lado, reafirma decisivamente que “a qualidade do discernimento está ligada à qualidade da sensibilidade de que procede”. Nas primeiras páginas deste livro, ele recorda um apotegma dos Padres do Deserto em que está contido um ensinamento validíssimo não apenas no contexto do discernimento espiritual. Diz assim: “A cada pensamento que surge em ti, diz: *és dos nossos ou dos adversários?* E certamente o confessará”. A máxima encontra-se no capítulo XXI, 16, da *Collezione sistematica*, Ditos dos Padres do Deserto. Inspirada por Orígenes e retomada por Evágrio do Ponto, é encontrada também na *Vita di Antonio*, escrita por Atanásio e alhures. A instância transmitida por esse aforismo é que o primeiro âmbito para o qual endereçar o discernimento é o próprio coração: às suas profundidades é que o discernimento deve ter a coragem de descer, não evitando a fadiga que essa *descida* comporta. Discernir o próprio coração implica grande esforço. Barsanúfio de Gaza, outro dos Padres do Deserto, escreveu que “sem o esforço do coração, não acontece a ninguém o discernimento dos pensamentos”, e prossegue: “Portanto, peço a Deus que o dê a você: seu coração labutará um pouco e Deus o dará a você... Quando Deus, por meio de seu Espírito e da oração dos santos, e do esforço de seu coração, lhe der a graça desse dom, você distinguirá sempre



os pensamentos uns dos outros” (Epist. 264). Do coração e no coração, ou seja, da e na raiz do próprio ser é que começa o discernimento.

Os dois temas da sensibilidade e do discernimento, então, não estão apenas externamente entretecidos, mas se condicionam mutuamente. A propósito, é útil sublinhar o que Cencini escreve, no capítulo VIII, a respeito das fases do processo decisório: o discernimento “é um fenómeno de atração da sensibilidade, que, em seguida, aumenta à medida que a pessoa confirma, com a escolha e a ação, o que a mente descobriu como justo e o coração sentiu como fascinante”. É até mesmo supérfluo enfatizar a importância desses destaques, especialmente no que tange à vida dos sacerdotes e dos consagrados. Penso no conteúdo do capítulo VI, dedicado ao tema dos afetos como um sentir dotado de sentido e de paixão. Aqui, com delicadeza, Padre Amedeo acena a problemas candentes hoje na vida da Igreja: “Quando sentidos e sensações estão normalmente habituados a perceber o outro de determinada maneira, em função dos próprios interesses ou da própria gratificação, e, portanto, ‘usando-o’ para si mesmo...” São questões dolorosíssimas, de que Cencini tratou em outros textos de forma mais aprofundada e competente.

Em um livro precioso, rico de conselhos para os que estudam e trabalham – *O trabalho intelectual* (Ed. Kirion, 2018) –, J. Guitton recorda que ele ilustrava a seus alunos o segredo de toda a arte de expressar-se recorrendo a um tipo de cantiga: “diz-se que se dirá algo, foi dito e se diz que se disse!”. E é assim que A. Cencini anuncia imediatamente

ao leitor o conteúdo geral deste livro: “No começo, um capítulo sobre o significado geral da sensibilidade. Em seguida, veremos um por um seus componentes ou elementos constitutivos individuais: sentidos, sensações, emoções, sentimentos, afetos... E, por fim, o discernimento, como componente conclusivo, de algum modo, da sensibilidade, com seus critérios eletivos e a coragem de fazer escolhas livres e responsáveis”. A parte central do livro consiste na sucessão (lógica, além de literária) de nove capítulos. No final – principalmente quanto ao significado do discernimento –, uma expressão ainda sintética se encontra nas linhas conclusivas: “Buscar a Deus, sempre e a cada instante, mas sem recorrer principalmente a normas preestabelecidas que funcionam no automático, e sem contentar-se com indicações que provenham de autoridades externas (do diretor espiritual ou do psicólogo), mas, sim, apelando a todo aquele arsenal com o qual todo ser humano é revestido desde o nascimento e a cada instante: sentidos, sensações, emoções, sentimentos...”. Outrossim, nesse caso, Cencini está bem acompanhado. Anteriormente, citei as palavras do Papa aos estudantes dos colégios eclesiais de Roma, durante o encontro do dia 16 de março de 2018. Naquela ocasião, referindo-se ao discernimento, o Papa indicou acima de tudo duas condições para sua autenticidade: que seja feito em oração e também em relação a uma testemunha: “Uma testemunha próxima, que não fala, mas escuta e, em seguida, dá as orientações. Não resolve [seu problema], mas lhe diz: observe isso, considere esse outro aspecto, veja ainda isso aqui... essa não

parece ser uma boa inspiração por esta razão, mas essa, sim... Mas vá adiante e decida você!”.

Durante esse encontro, Francisco recordou dois modelos evangélicos de discernimento: o apóstolo Pedro, em seu encontro com o centurião Cornélio, e Filipe, em seu encontro com o etíope, administrador dos bens da rainha. Com a ajuda de Padre Cencini, os exemplos poderiam aumentar. Em outro escrito seu, que citei no começo, ele havia escolhido como esquema de discernimento o relato joanino do encontro de Jesus com a samaritana; neste livro, a opção recua justamente à origem da história da salvação: o relato das origens de Gênesis 3,8-11, centrado na pergunta que Deus dirige a Adão: “onde estás?”.

É a passagem fundamental de todo discernimento, comenta Cencini, porque Deus “já sabe onde o homem se encontra, mas quer que o próprio homem se dê conta disso, ou seja, se interrogue sobre o que traz no coração, o que se encontra no centro de sua vida...”. Estamos no auge da clássica tradição sobre o discernimento. Giovanni Climaco afirma de modo lapidar: “Do discernimento deriva a clarividência (*diòrasis*) e desta, a previdência (*proðrasis*)” (*La scala del paradiso* IV, 105). Entendia que somente com o discernimento se consegue ver claro na própria vida, e é somente sob essa condição que nela se abrem os horizontes e se torna possível uma vida conscientemente escolhida e não suportada. E assim é que, através do discernimento, é escolhido também o que não quisemos, mas que entrou em nossa vida.

O Papa Francisco repete muitas vezes que este é o tempo do discernimento, e que a Igreja do terceiro milênio

deve ser a Igreja do discernimento. Isso, no entanto, sob a condição de que, como repete A. Cencini neste livro, o discernimento seja compreendido como estilo de vida, como “o modo normal de crescer na fé do crente comum”.

† Marcello Semeraro  
Bispo de Albano